

Idosos institucionalizados e isolamento social: corpos e afetos como (r)existência à necropolítica

Cássia Eleto Misson¹

Maria Eduarda Cruz Oliveira²

Tatiane Sirlene Moreira da Silva³

Bruno Vasconcelos de Almeida⁴

RESUMO

Este artigo visa destacar como os corpos de idosos residentes de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), apesar de inseridos dentro de uma perspectiva neoliberal, capitalista e necropolítica, podem habitar novos territórios existenciais, a partir do trabalho de uma Psicologia que se pautar nos afetos e que compreenda corpo e mente em uma relação de horizontalidade, quadro que se deu especialmente no modelo online, tendo em vista a insurgência da pandemia da COVID-19. Para tanto, este artigo foi desenvolvido a partir do projeto de extensão “Arte de Cuidar: Apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”, e produzido por meio de revisão de literatura. Destaca-se a necessidade de uma Psicologia que se pautar na imanência e que compreenda a potência das oficinas e da produção de corpos sem órgãos. Conclui-se que muito pode o corpo idoso, bem como é urgente a realização de mais estudos acerca do tema.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência para Idosos. Pandemia. Tecnologia. Capitalismo. Psicologia política.

Institutionalized seniors: bodies and affections as (r)existence to necropolitics

ABSTRACT

This article aims to highlight how elderly bodies residents of long-term care institution for elders and inserted within a neoliberal, capitalist and necropolitic logic, can inhabit new existential territories starting from a psychological work which acts by the affections and comprehends body and mind in a horizontal level, especially on the online context, given the insurgency of COVID-19. For this purpose, this article was developed from the extension project Art of Caring: Psychological support to resident elders and workers of long-term care institutions for elders from Minas Gerais, and it was produced from a review of literature. It highlights the need of a Psychology that guides itself by the immanence and also that operates by the online model understanding the potency of group work and of producing bodies without organs. It concludes that the elder bodies can a great deal, as well as the conducting of more studies about the theme is needed.

Keywords: Long-stay Institution for the Elderly. Pandemic. Technology. Capitalism. Political psychology.

¹Graduanda em Psicologia, unidade Coração Eucarístico. E-mail: cemisson@gmail.com

²Graduanda em Psicologia, unidade Coração Eucarístico. E-mail: mariaeduardacruzoli@hotmail.com

³Graduanda em Psicologia, unidade Coração Eucarístico. E-mail: tatianesirlenemoreira@gmail.com

⁴Dr. em Psicologia Clínica (PUC-SP), Curso de Psicologia PUC Minas Coração Eucarístico. E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia denomina como Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) as instituições residenciais de atenção a pessoas com mais de 60 anos. Entre seus vários objetivos, as ILPIs procuram oferecer aos residentes uma vida com dignidade e garantia de seus direitos (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013).

Os motivos pelos quais um idoso é institucionalizado variam entre não possuírem descendentes diretos, sofrerem relações interpessoais mal resolvidas, terem familiares sem condições de cuidarem das demandas que surgem com o envelhecer, e ainda a que se destaca: as demandas da saúde do indivíduo, que tende a ficar mais frágil e precisar de mais atenção com o avançar da idade (PERLINI; LEITE; FURINI, 2007).

Embora a psicologia ofereça intervenções individuais e grupais que auxiliam no tratamento de idosos (LIMA, 2006) institucionalizados ou não, Carvalho (2007) aponta que o toque e o afeto ainda são muito esquecidos nesse tratamento para essa população:

Diante do ato de não mais tocar o idoso, diminuir os abraços afetuosos, as carícias na pele, iniciamos o rompimento de um importante canal de comunicação, que ocorre por meio da estimulação tátil. Brotamos sensações como isolamento, carência e consequentemente solidão e tristeza, sucessivamente. (CARVALHO, 2007, p. 14).

Considerando a visão necropolítica, que compreende os corpos idosos como improdutivos e sem utilidade, e com isso, sem merecimento de valor, torna-se possível estabelecer um paralelo entre o imperativo cartesiano de parte da filosofia moderna ocidental, que delimita a cisão entre corpo e mente, com a bio-necropolítica vigente. A concepção de corpo, pautada na sua segmentação e esquematização, que ainda impera desde a formulação de René Descartes, sustenta e legitima a lógica do controle, já que a experiência corporal é reduzida, sobressaindo-se um corpo mecanizado, majoritariamente racional e materializado, destituído de uma unidade integrada e passível de controle.

Além disso, o advento tecnológico se tornou mais um instrumento que respalda a lógica do controle dos corpos, pois, tal como afirma Machado, Dias e Ferrer (2018), o espaço virtual passou a incorporar funções de socialização, a moldar os corpos para a vida em uma sociedade projetada pelas redes sociais e, assim, a estabelecer formas de punição e sanções sobre os corpos, cujos efeitos podem ser ainda mais devastadores do que as normas codificadas. Nesse sentido, os instrumentos tecnológicos se enraízam nas subjetividades e produzem novas sensações e desejos (BRAGA; VLACH, 2004). Ao mesmo tempo, se Giorgi e Rodríguez apontam que “a liberdade e a felicidade dos homens estão no mesmo terreno – a vida nua – que marca sua sujeição ao poder” (2007, p. 31,

tradução nossa⁵), então é possível afirmar que esses meios tecnológicos também podem ser utilizados como formas inventivas e potentes de vida dentro da bio-necropolítica.

Busca-se, portanto, responder de que forma a Psicologia, operando em uma lógica não cartesiana de cisão entre mente e corpo e, portanto, trabalhando com o corpo de idosos residentes de ILPIS a partir do modelo online, pode significar a irrupção de novos modos de vida para essa população.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir do Projeto de Extensão Arte de Cuidar: Apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIS mineiras. Trata-se de um projeto de extensão gestado em 2020, logo após o início da pandemia da COVID-19, e formalizado em 2021, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PROEX PUC Minas). O projeto integra o Grupo de Trabalho Espaços Deliberativos e Governança Pública (GEGOP) e a Rede de Apoio à Pessoa Idosa de Minas Gerais (RAPI-MG).

Dentre os objetivos do Projeto Arte de Cuidar, destaca-se o oferecimento de serviços de apoio psicológico a idosos e funcionários de ILPIs, de modo que possam lidar com os impactos do isolamento social. Assim, contribui para uma melhor qualidade de vida do público alvo, bem como fortalece as parcerias com as ILPIs envolvidas.

Para atingir os objetivos, o projeto se configura a partir de reuniões semanais entre discentes e professores/coordenadores, nas quais são discutidas as diversas ações desenvolvidas nas ILPI, sendo elas: acolhimento, apoio psicológico e acompanhamento terapêutico de forma *online* a trabalhadores e idosos residentes de ILPIs; condução de grupos temáticos *online* compostos pelos referidos públicos, com realização de oficinas a partir das demandas de cada ILPI, bem como são feitos grupos de leitura e contação de histórias; manutenção de canais de comunicação, como o *Instagram*, no qual se abordam temáticas relativas aos idosos, aos trabalhadores e às ILPIs; e, finalmente, o registro de atividades e produção de materiais informativos sobre o tema.

Nesse sentido, este artigo se configura como uma das ações propostas pelo Projeto Arte de Cuidar, tendo em vista que se operacionaliza por meio de atividades *online* para trabalhar com idosos institucionalizados em ILPIs e se propõe justamente a perguntar como os corpos idosos e institucionalizados em ILPIs são gestados no contexto bio-necropolítico vigente, especialmente

⁵ “La libertad y la felicidad de los hombres se juegan sobre el mismo terreno – la vida desnuda – que marca susujección al poder.”

quando perpassado pelas Tecnologias da Comunicação e Informação, (TIC), bem como qual é a potência que há no trabalho, inclusive de forma *online*, com esses corpos.

Nessa perspectiva, este artigo foi elaborado a partir de uma revisão de literatura nas bases de dados *SCIELO*, *PEPSIC*, *ZENODO*, Portal CAPES, Portal ISSN, Portal de Periódicos Eletrônicos PUC Minas, Portal de Periódicos UFSC, Portal de Periódicos USP, Portal de Periódicos FCLAr, Portal de Periódicos UFRN, Portal Metodista de Periódicos, Portal Eletrônico de Publicações da UERJ, Revistas Periódicas, Portal de Periódicos PUC Rio, Sistema de Eletrônico de Teses e Dissertações PUC-SP, no período de 2000 a 2021. Foram utilizados os descritores “corpo”, “mente”, “dualismo”, “toque”, “idoso(a)”, “envelhecimento”, “velhice”, “instituição”, “tecnologia”, “pandemia”, “ILPI”, “institucionalização” “COVID”, “biopolítica”, “necropolítica”, “capitalismo”, “esquizoanálise” e “clínica”. Além disso, tendo em vista que o trabalho aponta para formas inventivas de lidar com idosos institucionalizados de modo *online*, adotaram-se alguns critérios de inclusão dos artigos, sendo eles: apresentação de discussões relativas à potência do corpo, e/ou ao trabalho *online* e/ou presencial com idosos, estando eles institucionalizados em ILPIS ou não; exposição de discussões sobre bio-necropolítica, capitalismo e neoliberalismo, uma vez que os temas se estabeleceram como pano de fundo deste trabalho; destaque de conceitos trabalhados pela esquizoanálise, tendo em vista que se trata de um dos referenciais teóricos utilizados. Nesse sentido, também foram usados livros que adentrassem nos meandros das discussões citadas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O dualismo cartesiano e a psicologia

O debate acerca do dualismo entre mente e corpo marcou parte da história da filosofia, contando com diversas teorias que acreditam na sua divisão. Entre várias delas, destaca-se o dualismo cartesiano. A tese proposta por Descartes afirma que o homem é formado por duas substâncias distintas, que hoje chamamos de corpo e mente (LOPES; CARVALHO; OLIVEIRA, 2016), as quais devem ser compreendidas como independentes e explicadas por meio de conceitos e princípios diferentes (LEVY, 2010).

O imperativo epistemológico cartesiano não só respalda as lógicas de controle, como passa a moldar os saberes e práticas em uma lógica voltada para os cuidados com o corpo e a saúde (SILVA; ZOBOLI; LISBOA, 2014). Nesse sentido, os saberes e fazeres psicológicos também foram influenciados pela metafísica cartesiana de segmentação do sujeito, através do dualismo corpo e mente, distinguindo-o em esferas físicas e mentais, valorizando um em detrimento do outro. Não

somente a sua ideia de dicotomização, mas ainda a adoção de uma rigorosa postura científica e explicativa sobre o Homem, pautada igualmente no referido postulado, cindindo o interno do externo, fortalecendo a existência de parâmetros de normalidade e anormalidade (COSTA, 2014).

A concepção cartesiana marcou de forma significativa o pensamento ocidental (BARBOSA, 1995), como já visto, e não ocorreu de forma distinta com a psicologia, que “ao se constituir como uma disciplina científica independente da filosofia, teve como objeto de estudo os ‘processos mentais’, diferente da medicina e da biologia, que estudam o corpo” (LOPES; CARVALHO; OLIVEIRA, 2016, p. 2). A adoção desse modelo foi uma das grandes críticas da psicologia. Vygotski, em “O Significado Histórico da Crise na Psicologia” (LORDELO, 2011), culpava o dualismo pelo fato de a psicologia possuir tantas correntes teórico-práticas que pouco dialogam entre si, como o behaviorismo, que partia de uma “ciência-natural materialista”, e a psicanálise, que postulava o fenômeno psíquico.

Isto significa que a divisão era, respectivamente, entre uma corrente que negava o psíquico ou subjetivo (de natureza não-material) em favor de uma suposta neutralidade e objetividade, e outra corrente que, por acreditar na existência de uma substância não-material (a subjetividade, o inconsciente ou outro fenômeno psíquico), não se submetia aos parâmetros de uma ciência empírica, que lidasse com fatos reais de forma objetiva e pudesse mensurá-los e controlá-los. (LORDELO, 2011, p. 539).

Além disso, Foucault deixa claro que os entendimentos que a medicina, a política e a educação têm sobre o corpo são tomados como ferramentas de controle e disciplina dos corpos (AMORIM, 2001), tentando sempre adequá-los ao modelo que a sociedade moderna considera como útil, suscitando o questionamento sobre qual seria o valor desses corpos quando não são mais valorosos dentro dessa ótica. É necessário compreender que, ao se operar a divisão de indivíduos como corpos “úteis” ou “inúteis” para o capitalismo, nega-se a esse sujeito a possibilidade de existir dentro das suas necessidades e da sua subjetividade.

3.2 As bio-necropolíticas e o fomento ao dualismo

A lógica do controle e gerenciamento dos corpos foi amplamente difundida e estudada por teóricos, principalmente da Filosofia e da História. Além de Foucault, destaca-se também Achille Mbembe, filósofo e historiador camaronês, que, em diálogo com os estudos de Foucault e influenciado pelas correntes pós-colonialistas das quais lançou mão em seus estudos, formulou o conceito de necropolítica, em contramão ao domínio epistemológico europeu. Ambos se direcionam para uma teorização das implicações na organização social e gestão da vida, moldadas pelo sistema

capitalista neoliberal, que respalda sua legitimidade através de uma produção e mercantilização massivas, nas quais impera a lógica do capital (GRISOSKI; PEREIRA, 2020).

A biopolítica de Foucault fundamenta-se na ideia de um gerenciamento coletivo da vida, por meio da tecnologização, englobando um corpo social que se coloca à disposição para gerir os corpos, através da integração de diferentes campos e técnicas de saberes científicos, médicos e políticos, cuja função, assim como nos afirma o autor, não se centra mais nas práticas que levam à morte do indivíduo, mas em um investimento na vida, através de uma lógica vertical, característica do Estado moderno (FOUCAULT, 2017, p.149 apud GRISOSKI; PEREIRA, 2020). O conceito de necropolítica, por sua vez, surge através de Mbembe de forma a complementar os pressupostos foucaultianos, por meio da ideia não somente de um controle político dos corpos e da vida desses indivíduos, mas também de suas mortes. Nesse sentido, a lógica do Estado, em consonância com os modelos capitalistas neoliberais, insere-se em um modelo utilitário, por meio da exclusão e descarte de corpos considerados inaptos, improdutivos ou inadequados, submetidos, portanto, à morte física e simbólica. (TEIXEIRA; FREITAS, 2021)

É importante ressaltar o possível diálogo entre biopolítica e necropolítica, uma vez que, assim como nos afirma Mbembe, “o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer”, ideia na qual o autor camaronês se fundamentou para formular a noção de morte dos corpos na necropolítica (MBEMBE, 2018, p. 17). O corpo, em ambas as produções epistemológicas apresentadas, ocupa um lugar de submissão e controle por parte de diferentes esferas, tais como o Estado, bem como por outras instituições, saberes e mecanismos vigentes.

3.3 Pensando a velhice: os moldes necropolíticos e o esquitejamento dos corpos e dos afetos

Após estas considerações, é necessário pensar como estes conceitos adentram o território da velhice. Beauvoir (1990) aponta que afirmações generalistas acerca da velhice devem ser rejeitadas, uma vez que ela assume uma multiplicidade de aspectos, a saber, questões de classes, de gênero e de sexualidade, bem como de raça/etnia, saúde mental, institucionalização, mobilidade, de consumo e de trabalho. Nesse sentido, faz-se necessário apontar as críticas feitas pelo historiador e filósofo Losurdo (2011) às construções foucaultianas em decorrência de estas permanecerem presas ao continente europeu, destacando que “o colonialismo e a ideologia colonial estão amplamente ausentes na história do mundo moderno e contemporâneo reconstruída pelo filósofo francês” (LOSURDO, 2011, p. 213). Assim, utilizar-se-á o conceito de necropolítica de Mbembe (2018) para evidenciar a construção da velhice brasileira, tendo em vista que é justamente a partir da periferia do capitalismo

que surge um grande avanço nas reflexões de Michel Foucault, estas agora servindo à análise de formas de poder contemporâneas em voga nos países periféricos, adequando-as, portanto, aos processos de barbárie vigentes em territórios como o Brasil (HILÁRIO, 2016; LIMA, 2018).

Seguindo o modelo neoliberal, no qual o mundo e as relações humanas são racionalizados a partir da lógica empresarial, é possível capturar, instrumentalizar e/ou destruir corpos e populações em detrimento da lógica de mercado (CORRÊA, 2019). Se Mbembe (2018) aponta que a condição negra, nessa perspectiva, é universalizada por esta lógica mercadológica, então se destaca aqui que a mesma lógica também captura, instrumentaliza e, se necessário, destrói corpos idosos que, de acordo com o modelo descrito, não se inserem mais no processo de produção e de consumo e, portanto, não importam.

Ainda, tendo apontado anteriormente como o imperativo epistemológico cartesiano respalda as lógicas de controle e da necropolítica (SILVA; ZOBOLI; LISBOA, 2014), bem como ele ainda impera nas práticas voltadas para o corpo e para a saúde, estando a Psicologia aí incluída por meio da redução do corpo ao bios (FREITAS; ARENHART; ABUHAMAD, 2018), há que se destacar de que forma isso é feito com o corpo idoso. Tendo em vista que Foucault (1979) afirma que o corpo é produzido constantemente a partir de um embate de forças e de poderes, propondo-se, portanto, a “mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1979, p. 22), é preciso considerar que tal corpo, hoje, passa a ser axiomatizado pelo capital, tornando-se “corpo capital” (HUR, 2019, p.112). Nessa lógica, o capitalismo se atualiza no corpo, que deve, portanto, render o máximo possível, fomentar a maior produtividade a partir da livre iniciativa. Assim, Costa e Próchno (2016, p. 51) sustentam que, nessa axiomática do capitalismo, produz-se um lixo, algo que não serve, “pois a lógica do consumo sempre enuncia que o descarte é inevitável frente às opções *up-to-date* que o mercado tem a oferecer”. Sendo assim, o corpo é esquartejado, cindido e fragmentado naquilo que é desejado e vivificado nele, de acordo com a ordem mercadológica; o corpo é, concomitantemente, fonte de produção e de consumo, bem como a materialização do descarte, do lixo, do dejetos:

A produção desse corpo, mutilado e deteriorado, passa a ser uma subprodução. Se o real é fruto de agenciamentos de máquinas e de produções desejantes, o corpo que resta como lixo é o substrato renegado dessa mesma produção. O corpo-mutilado apodrecido acaba por se tornar um subproduto, uma consequência secundária de uma produção em que o mais importante é o que se pode extrair dele. O corpo vai de produtor de resíduo a resíduo social, um dejetos. (COSTA; PRÓCHNO, 2016, p. 51).

Nessa lógica, o corpo idoso se esvazia de duas formas principais, que ocorrem concomitantemente. A primeira delas se dá por meio de uma exclusão socioeconômica e cultural, na

qual os corpos se tornam dejetos por completo, como é o caso do corpo do morador de rua e do catador de lixo (COSTA; PRÓCHNO, 2016), além do próprio idoso. Tomando como referência a lógica da necropolítica, o corpo idoso, improdutivo, doente, senil, demente e que não atende mais aos imperativos da axiomática do capitalismo, se converte ao estatuto de lixo e, portanto, insere-se na lógica do descarte e do apagamento. Os autores apontam ainda uma segunda forma de esvaziamento do corpo, a saber, sua inclusão absoluta na esteira da produção capitalista. Isso significa dizer que o corpo idoso, nesse caso, se torna lixo no sentido de ter todas as suas potências de agir reduzidas a partir de sua exploração total.

3.4 Inclusão digital, velhice e isolamento social: estratégias remotas para a promoção da saúde

Partindo das ideias apresentadas, é possível estabelecermos ainda uma correlação entre o processo de exclusão do corpo idoso e a crescente vigência das TIC na contemporaneidade. De acordo com Peterson *et al.* (2013 *apud* BARNASKI *et al.*, 2020), as formas de se relacionar com o outro remotamente imperam de forma progressiva, desvelando-se uma realidade virtualizada de uma sociedade que não somente é cada vez mais capitalizada, mas também tecnologizada. Dessa forma, o público idoso logo se vê sujeito a uma necessidade de se apropriar dos recursos tecnológicos, a fim de retardar um processo de exclusão ao qual já é submetido em diversas circunstâncias (SANTOS *et al.*, 2019).

Com a emergência da COVID-19 e decretada a condição de pandemia, em janeiro de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), as medidas profiláticas de isolamento social fizeram com que as modalidades remotas fossem determinantes para a continuidade das rotinas de trabalho, estudo e lazer dos indivíduos. Tornou-se praticamente imprescindível a adoção do uso das tecnologias no dia a dia, para as mais diversas faixas etárias, abrangendo também indivíduos da terceira idade, que foram os principais atingidos pelas medidas de prevenção por meio do isolamento social, uma vez que foram considerados como grupo de risco. (BARNASKI *et al.*, 2020).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Henning (2020) destaca que, hoje, com a COVID-19, a população idosa é, mais do que nunca, vista como um problema social que demanda políticas públicas e, portanto, que se torna vilão e oferenda sacrificial à economia. O autor também elenca uma série de práticas governamentais que, segundo ele, poderiam muito bem ser compreendidas como uma “necropolítica à brasileira” (HENNING, 2020, p. 151) em relação aos idosos, como “a letargia nas ações relativas ao fortalecimento do SUS para a pandemia; a lentidão na liberação do “auxílio econômico federal a necessitados(as); o aumento nos feminicídios e nas violências domésticas contra idosos(as) [...]” (HENNING, 2020, p. 15).

3.5 Corpografar resistências: os afetos alegres e a potência do corpo idoso

Depois de tudo o que foi discutido, abre-se a proposta deste trabalho, isto é, bem como pergunta Spinoza (2020, p. 101), “o que pode um corpo?”. Neste caso, perguntar-se-á o que pode um corpo idoso. Parte-se dessa questão, tendo como fundamento a relação de horizontalidade entre mente e corpo presente na lógica espinoziana, ou seja, não é possível pensar corpo e mente de modo cindido, tal como propõe a tradição cartesiana. Nesse sentido, as produções voltadas para a área da Psicologia também passaram a enfocar o trabalho com o indivíduo em sua totalidade, englobando o corpo em suas diversas dimensões (FERREIRA, 2015; NASSER, 2010). A questão sobre o que pode ou não o corpo remete, desse modo, à dimensão da potência inerente a ele, haja vista que Spinoza (2020) afirma que

cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser. (...) O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual. (...) Esse esforço (...) à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. (SPINOZA, 2020, p. 105-106).

Logo, se o corpo tem como essência o esforço para se preservar, se a potência é inerente a ele, então ele é repleto de possibilidades. Adentrando, portanto, nas questões do corpo dejetado destacadas anteriormente, entende-se que se trata de um corpo cuja potência foi diminuída, considerando que Deleuze (1997, p. 48.) aponta que “não existem potências ruins. O ruim é o menor grau de potência. E este grau é o poder”. Ou seja, compreende-se o axioma do capital e toda a lógica neoliberal e necropolítica apontadas como poderes cujas materializações e imperativos se tornam modos de diminuição da potência do corpo idoso por meio de sua exclusão cultural e socioeconômica a partir da lógica de que ele não mais atende às ordens mercadológicas e, concomitantemente, de sua constante inclusão na esteira capitalista (COSTA; PRÓCHNO, 2016). O poder neoliberal e necropolítico que age sobre o corpo idoso, como diz Deleuze (1997), separa o corpo daquilo que ele pode graças às paixões tristes, que inspiram submissão.

Portanto, se todo poder é triste, e se toda potência é sempre alegre (DELEUZE, 1997), então este artigo tem como objetivo primordial analisar de que forma o trabalho da psicologia com idosos que se encontram legitimados em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), por meio do afeto e do afetar-se, bem como operando por meio de uma lógica de horizontalidade entre mente e corpo, pode significar para esses sujeitos (r)existência no âmbito do axioma do capital e da necropolítica. Assim como afirmou a invenção de formas mais potentes e mais alegres de vida, dentro

da lógica de uma Amorim (2001, p. 425) “o corpo participa de todos os processos e montagens dos dispositivos autenticamente produtivos. O corpo não apenas sente, sofre, goza, senão que também pensa, conhece, imagina, deseja, exprime, cria”.

4 RESULTADOS

4.1 Idosos institucionalizados e tecnologias: do esquadrinhamento para a resignificação dos corpos

Considerando o que se está argumentado neste trabalho, é importante ressaltar os impactos que o corpo idoso sofre durante o atual momento de pandemia, quando o contato com outros se tornou limitado, e a única forma segura de se comunicar é online. Tendo em vista, conforme afirmou Porchat (2016, p. 43), “o [que o] corpo pode fazer, antes de mais nada, é viver”, é necessário pensar como esse corpo idoso, que já passa por diversas dificuldades com o envelhecer, irá conseguir viver, existir e ser legítimo em uma realidade em que é necessário o isolamento ainda maior desse grupo.

Ressaltam-se os idosos residentes em instituições de longa permanência, que, anteriormente à pandemia, já se encontravam, de certa forma, afastados da sociedade em locais onde impera um grande poder disciplinar que acaba por tirar um pouco da liberdade do residente em tomar decisões básicas (CORRÊA; OLIVEIRA; BASSANI, 2018), e que atualmente, por medidas de segurança, devem permanecer ainda mais reclusos. Tendo consciência que grande parte dos idosos apresenta alguma dificuldade em se adaptar ao uso de aparelhos tecnológicos (SANTOS; HEIDEMANN; MARÇAL; ARAKAWA-BELAUNDE, 2018), o meio online pode se tornar um ambiente de exclusão, deslegitimação e esquadrinhamento desse corpo idoso, que agora está preso e limitado em uma realidade que ele não domina.

Entretanto, mesmo que o capitalismo capture os corpos, fazendo com que sejam produzidos em favor do capital (GUATTARI; ROLNIK, 1996), destaca-se a criação imanente das subjetividades, ou seja, é dentro do próprio modelo capitalista onde se encontram as ferramentas para novos modos de vida (SOUSA, 2020). Assim, se o corpo idoso é agenciado pela ordem necropolítica e esquadrinhado pelo advento tecnológico, então se destaca que é também dentro desses agenciamentos que a produção desejante se cria e se recria sempre por meio do entrecruzamento das linhas rizomáticas. Logo, é possível que ferramentas online sejam utilizadas para trabalhar com idosos internados em ILPI, dentro do contexto necropolítico, pois “os mesmos elementos existentes nos fluxos, nos estratos, nos agenciamentos, podem organizar-se segundo um modelo molar ou segundo um modelo molecular” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 321).

4.3 Isolamento social, espaço remoto e promoção da saúde: explorando as potências do corpo

Nesse sentido, Davim *et al.* (2004) destacam a importância de as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) consideradas como espaços que não se configurem apenas como uma referência de realocação dos idosos pela família e/ou responsáveis, mas sim, como locais que permitam uma escolha de vida dentro do contexto daquele sujeito. Assim, o indivíduo torna-se ativo, capaz e detentor de direitos que não se anulam com sua institucionalização (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013). Para tanto, a garantia de cuidados, bem-estar, lazer, entre outros também devem ser oferecidas pelas ILPI, garantindo um crescente equilíbrio biopsicossocial, em consonância com a realização de práticas que movimentam a mente, o corpo e os afetos.

Frente ao contexto de isolamento já citado, reforça-se aqui a necessidade e a possibilidade de evocar a realização de atividades diversas com esses idosos institucionalizados, considerando-se o êxito demonstrado nos estudos no que tange a promoção de saúde e bem estar com indivíduos da terceira idade através das plataformas virtuais (SANTANA; ARAGÃO; BERNARDO, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2020). Portanto, a promoção de atividades que fazem rememorar lembranças e trabalham o corpo como detentor de afetos, correlacionado e não segmentado, permite à pessoa idosa experienciar a estimulação de suas potencialidades, resgatando e mantendo o interesse pelas alegrias da vida (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013), além de promover interação social e prevenção de outras enfermidades decorrentes do isolamento, como ansiedade e depressão (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Nesse sentido, as práticas realizadas de forma remota com os idosos têm se mostrado exitosas quando considerado o trabalho com o corpo em suas mais diversas dimensões. (SANTANA; ARAGÃO; BERNARDO, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2020). As dinâmicas em grupo destacaram-se como espaços propiciadores de trocas de experiências, fortalecimento de vínculos, desenvolvimento de diferentes funções — como as cognitivas e de memória — e de elaboração entre os idosos, mitigando, assim, os efeitos causados pelo isolamento social, práticas associadas ao incentivo à quebra de paradigmas quanto ao uso das TIC com essa faixa etária. (SANTANA; ARAGÃO; BERNARDO, 2021).

Foi possível, então, encontrar registrados diferentes trabalhos envolvendo o movimento com o corpo, como dança, atividades físicas e meditação, promovidos por profissionais da área da saúde remotamente, em conjunto com grupos de idosos, de forma síncrona (SALCEDO-BARRIENTOS; PAIVA; SILVA, 2020). As práticas realizadas vão ao encontro do que nos afirmam Silva, Silva e Moraes (2013), no que tange às possibilidades de encontrar no mundo virtual um espaço que pode contribuir para melhorar a qualidade de vida de seus usuários, quando assertivamente utilizado, como

nos processos de construção de conhecimento ou de novas redes de relacionamento, transpondo barreiras geográficas. Assim, a lógica do instrumento tecnológico como recurso que desafia o modelo necropolítico vigente de exclusão e morte dos corpos é uma realidade que se desvela pelos estudos supracitados.

4.4 Oficinas e o corpo sem órgãos: invenções para o trabalho online com idosos

As dinâmicas descritas funcionam em consonância com Santos e Romagnoli (2012), que destacam a potência de atividades que trabalham com mecanismos além da linguagem, ou seja, que envolvem também as instâncias corporais da música, da dança, do teatro e das artes plásticas. As autoras descrevem as atividades como uma possibilidade desse espaço inventivo, uma das possibilidades de produção de novos territórios existenciais. De acordo com Hur e Viana (2016, p. 118), as oficinas são “dispositivos de trabalhos coletivos, nos quais se busca incitar processos expressivos, produtivos e novos modos de subjetivação”. Nesse sentido, se o dispositivo das oficinas possibilita a produção de novas subjetividades e a habitação de outros territórios existenciais, em se tratando de uma intervenção possível de ser realizada de forma online, então é preciso pensar de que modo as subjetividades e territórios podem ser produzidos e habitados por idosos residentes de ILPIs no contexto *on-line*.

Inicialmente, há que se destacar que o trabalho em regime remoto com os idosos não é um impedimento para abordar o corpo e os afetos, pois é possível operar sem que o seja junto da materialidade do corpo. Para essa percepção, pode-se lançar mão da ideia de corpo sem órgãos (CsO) como proposta de produção do corpo idoso no âmbito *online*, pois o conceito aponta para uma lógica inventiva da ideia de corpo, tal como é preciso ser inventivo no atual contexto. O conceito foi inicialmente cunhado pelo artista e diretor de teatro Artaud (1983, p. 161). Segundo ele, “não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade”. A princípio, pode parecer contraditório apontar a necessidade de se trabalhar o corpo do idoso e, ao mesmo tempo, destacar a inutilidade do órgão, pensando que é preciso conseguir um CsO. Entretanto, não há contradição alguma, conforme explicação a seguir.

Deleuze e Guattari (2004), que se apropriam do termo CsO e o inserem como um modo de ser e de produzir existências, afirmam que, se o corpo é o espaço no qual o desejo se move e as intensidades circulam, e se o órgão é uma forma de organização do corpo que tem para si um determinado fim, então o CsO não se opõe especificamente aos órgãos do corpo, mas sim ao corpo como “organização orgânica dos órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 21), ou seja, ele não é

contra o instrumento, mas contra a instrumentalização. Isso significa dizer que trabalhar com o idoso de modo a fabricar um CsO é fugir da censura, da repressão, das regras e das interpretações sociais; é abrir-se à experimentação, à intensidade, a todas as suas potências do vir-a-ser. Se o CsO “não reprime os impulsos, [se] pertence a uma conexão de desejos, a uma conjunção de fluxos; [se] acontece por intensidades que estão associadas à vitalidade e à existência enquanto criação contínua” (RESENDE, 2008, p. 69), então o CsO pode ser algo além do corpo-dejeto e tem a potência de (r)existir mesmo dentro da perspectiva necropolítica à medida que se desorganiza de formas novas e inusitadas para se tornar instrumento de intensidades.

Assim, realizar intervenções e oficinas *online* com o corpo idoso que sigam em direção à produção de um CsO não significa anunciar novas técnicas psicoterápicas, mas sim “elementos de uma imagem do pensamento que está na base de um paradigma ético-estético-político que se deve colocar como horizonte de qualquer prática” (FARINA; FONSECA, 2010, p. 315). Ou seja, trata-se de seguir em direção à produção de um CsO, desobstruindo-o por suas estratificações e por seu organismo por meio de uma cartografia – neste caso, corpografia – dos fluxos desejanter, objetivando criar linhas de fugas, novos modos de subjetivação e desterritorialização, analisando, ainda, a propagação dos estratos coercitivos (HUR, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lógicas bio-necropolíticas, conforme visto ao longo deste artigo, contribuem para o esvaziamento e descarte de corpos dejetos, que, uma vez incapazes de acompanhar o ritmo de produção, são despejados e largados à deriva às margens da sociedade. Os idosos, nesse contexto, são destituídos de suas posições sociais, tendo os seus corpos improdutivos encarcerados em diversas esferas e instituições. A exclusão é ainda mais acentuada e propiciada pelo maquinário tecnológico, fruto das lógicas capitalistas, que não esperam do idoso mais do que uma incapacidade na utilização do universo virtual como forma de interagir e se integrar no mundo. Entretanto, frente ao tamanho processo de morte dos corpos idosos, o mesmo aparato tecnológico que é usado para cerceá-los também pode ser um aliado na exploração de todas as suas potencialidades, que, em interação com o universo virtual, poderão movimentar os corpos e os afetos.

Assim, o artigo buscou explorar a viabilidade de se associar as práticas remotas da psicologia e o trabalho com idosos nas ILPI, frente ao contexto do isolamento social, marcado pela COVID-19, uma correlação viável e exitosa. Os estudos encontrados reafirmaram a possibilidade desse manejo, ensejando o convite para que a promoção da saúde do idoso institucionalizado possa ser pensada, utilizando-se das TIC como ferramentas.

Logo, se a liberdade e os afetos alegres estão no mesmo plano que o do poder e da tristeza (GIORGI; RODRÍGUEZ, 2007), então se lança mão dos mesmos aparatos tecnológicos utilizados para cercar as singularidades, dentro de uma ordem bio-necropolítica que descarta os corpos, visando possibilitar atravessamentos potentes e alegres ao corpo idoso, bem como sua habitação em novos territórios existenciais, no contexto da pandemia. Nesse sentido, tal como afirma Deleuze (2013, p. 222), é preciso acreditar no mundo, apropriar-se dele, o que implica, principalmente, “suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfícies ou volumes reduzidos”. O trabalho da psicologia dentro do recorte feito ao longo deste trabalho é, portanto, micropolítico; é um devir minoritário que, sempre no encontro, possibilita a criação de linhas de fuga e de multiplicidades (DELEUZE, 2013). Na experimentação do trabalho com o corpo idoso de modo online, a psicologia e as subjetividades idosas desterritorializam-se de modo conjugado, (r)existindo tanto na perspectiva do idoso como corpo-dejeto, quanto na psicologia como ciência que fendia corpo e mente.

Portanto, afirma-se que muito pode um corpo idoso. Ele pode transpor fronteiras traçadas social e culturalmente, sempre rumo à melhor potência de si e às alegrias da vida, que não se anulam com o porvir da idade. Ainda que, no que tange ao trabalho com idosos institucionalizados ou não, de forma remota, haja estudos que corroboram o interesse e a devida relevância dada à temática, a escassez dos resultados apontam para a necessidade de mais exploração do assunto. Soma-se a isso a urgência de uma maior contemplação em estudos que aprofundem a investigação do trabalho com o corpo idoso por meio dos espaços virtuais, tendo em vista os crescentes atravessamentos tecnológicos dos quais os corpos estão sujeitos, juntamente a uma crescente longevidade dos indivíduos e à necessidade de resgatar as potências e os afetos do corpo, cimentados pelas lógicas necropolíticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES-SILVA, Júnia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 26, ed. 4, p. 820-830, dez 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2021.
- AMORIM, Margarete. O Corpo no Esquizodrama. In: Solange Thiers, Elaine Thiers. (Org.). **A Essência dos Vínculos**. 1ed. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 2001, p. 418-427.
- ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. In: WILLER, Claudio. (tradução, seleção e notas). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BARNASKI, Maria Rita Oliveira *et al.* O uso das tecnologias em tempos de pandemia pelos idosos. **Anais do Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2020. Disponível em: <https://revistaanais.unicruz.edu.br/index.php/inter/article/download/456/821>. Acesso em: 23 maio 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRAGA, Sandra Rodrigues; VLACH, Vânia Rúbia Farias. Os usos políticos da tecnologia, o biopoder e a sociedade de controle: considerações preliminares. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 8, n. 170, 2004. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-170-42.htm>. Acesso em: 23 maio 2021.

CARVALHO, Sandra Alves. **O Toque na Relação Terapêutica com a Pessoa Idosa**. 2007. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12518>. Acesso em: 23 maio 2021.

COSTA, Pedro Henrique Lucas; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. Corpo-lixo: entre o dejetos e a potência na cultura contemporânea. **Revista subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n.3, p. 45-57, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n3/04.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

CORREA, Diogo Arnaldo; OLIVEIRA, Carla de Santana; BASSANI, Marlise Aparecida. Ser além dos muros: fenomenologia da liberdade para idosos institucionalizados. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 167-172, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200005&lng=pt&nrm=iso>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.5>. Acesso em: 23 maio 2021.

CORRÊA, Laura Henrique. Aproximações entre Foucault e Mbembe: a bio/necro política no devir sujeito dos que não importam. **Dignidade re-vista**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 89-101, jul. 2019. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/870/619>. Acesso em: 23 maio 2021.

COSTA, Paulo Victor Rodrigues da. O projeto de homem cartesiano como fundamento da prática psicológica contemporânea. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 954-979, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/9628/7590#:~:text=Posteriormente%20ser%C3%A1%20mostrado%20como%20a,irrestrito%20dos%20entes%20em%20geral>. Acesso em: 23 maio 2021.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa *et al.* Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692004000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 23 maio 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. [Entrevista cedida a Claire Parnet]. **Éditions Montparnasse**, Paris, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 3. Rio de Janeiro: Ed 34, 2004.

- FARINA, Juliane Tagliari; FONSECA, Tânia Mara Galli. Fantasmas do futuro: a clínica do virtual. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 309-324, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n2/v10n2a02.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.
- FERREIRA, Nilton Geraldo. Psicologia Transpessoal Centrada no Corpo: referências para uma psicologia do ser. **Psicologia Transpessoal**, v. 1, 2015. Disponível em: <http://serradaportaria.com.br/new/index.php/biblioteca/artigos/transpessoal/25-psicologia-transpessoal-centrada-no-corpo-referencias-para-uma-psicologia-do-ser>. Acesso em: 23 maio 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas *et al.* Corpo e psicologia: uma revisão da produção científica brasileira na primeira década dos anos 2000. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 66-86, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n1/v21n1a06.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.
- FREITAS, Joanneliese de Lucas; ARENHART, Paula; ABUHAMAD, Mariana. Deixou o corpo em casa, foi para terapia: o corpo segundo psicólogos. **Revista abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p.157-166, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v24n2/v24n2a04.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.
- GIORGI, Gabriel; RODRÍGUEZ, Fermín. Prólogo. In: GIORGI, Gabriel; RODRÍGUEZ, Fermín. (Comp.). **Ensayos sobre biopolítica: excesos de vida**. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 9-34.
- GRISOSKI, Daniela Cecilia; PEREIRA, Bruno César. Da biopolítica à necropolítica: notas sobre as formas de controles sociais contemporâneas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 20, n. 224, p. 199-208, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/48710/751375150793>. Acesso em: 23 maio 2021.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HENNING, Carlos Eduardo. Nem no mesmo barco nem os mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.150-155, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798/161271>. Acesso em: 23 maio 2021.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 194-210, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p194>. Acesso em: 23 maio 2021.
- HUR, Domênico Uhng. A clínica do corpo sem órgãos: esquizoanálise e esquizodrama. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 25, n. 44, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/110078/59875>. Acesso em: 23 maio 2021.
- HUR, Domênico Uhng. Capitalismo: axiomática do capital e diagrama de rendimento. In: HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. 2. ed. São Paulo: Alínea, 2019, p. 87-120.
- HUR, Domênico Uhng; VIANA, Douglas Alves. Práticas grupais na esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama. **Arq. Bras. Psicol.**, v. 68, n. 1, p. 111-125, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v68n1/v68n1a10.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.
- LEVY, Lia. O dualismo cartesiano. In: ALTMANN, Sílvia; WOLF, Eduardo. **Lições de história da filosofia**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2010. p. 86-109.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70nspe/03.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

LIMA, Juliane Silveira. Envelhecimento, demência e doença de Alzheimer: o que a psicologia tem a ver com isso? **Revista Ciências Humanas**, Santa Catarina, v. 53, ed. 40, p. 469-489, 2006. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/17666/16231>. Acesso em: 25 maio 2021.

LOPES, Rodrigo Teixeira; CARVALHO, Marcele de; OLIVEIRA, Felipe Santos de. A neurobiologia da psicopatologia e psicoterapia e as implicações práticas de uma perspectiva materialista na definição de mente. **Universitas Psychologica**, v. 15, n. 5, p. 1-9, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v15nspe5/v15nspe5a27.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

LORDELO, Lia da Rocha. A crise na Psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 537-544, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2021.

LOSURDO, Domenico. Como nasceu e como morreu o “marxismo ocidental”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 213-242, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3897>. Acesso em: 23 maio 2021.

MACHADO, Vinicius Rocha Pinheiro; DIAS, Jefferson Aparecido; FERRER, Walkiria Martinez Heinrich. Biopolítica e novas tecnologias: o discurso do ódio na internet como mecanismo de controle social. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, a. 55, n. 220, p. 29-51, 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/55/220/ril_v55_n220_p29.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASSER, Yone Buonaparte d'Arcanhy Nobrega. A identidade corpo-psique na psicologia analítica. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 325-338, 2010.

OLIVEIRA, Josilainiet *al.* A construção de um envelhecimento ativo: estratégia virtual de promoção e cuidado com a saúde do idoso frente à pandemia do novo coronavírus. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/20787>. Acesso em: 23 maio 2021.

PERLINI, Nara Marilene Girardon; LEITE, Marinês Tambara; FURINI, Ana Carolina. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, ed. 2, p. 229-236, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2021.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. **Revista Periódicus**, Salvador, BA, Brasil, v. v.1, ed. 3, p. 37-5, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14254>. Acesso em: 28 maio 2021.

RESENDE, Catarina. A escrita de um corpo sem órgãos. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100010. Acesso em: 23 maio 2021.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; SANTOS, Natália Alves dos. Quando a invenção pede passagem: ritmo e corpo nas oficinas de teatro do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) Noroeste de Belo Horizonte. **Mental**, Barbacena, v. 10, n. 18, p. 29-52, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v10n18/a03v10n18.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

SALCEDO-BARRIENTOS, Dora Mariela; PAIVA, Maria Vitória Silva; DA SILVA, André Luiz Pereira. Terapia Comunitária Integrativa para idosos em plataforma virtual durante a pandemia associada a COVID-19. **Temas em Educação e Saúde**, p. 360-375, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/14317>. Acesso em: 23 maio 2021.

SANTANA, Ronald Santos de; ARAGÃO, Lucas Ibrahim Simões de; BERNARDO, Kátia Jane Chaves. Intervenção psicossocial online com idosos no contexto da pandemia da COVID-19: um relato de experiência. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 6, n. 16, p. 69-83, 2021. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/273>. Acesso em: 23 maio 2021.

SANTOS, Paloma Ariana dos et al. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology-Communication Research**, v. 24, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-64312019000100312&script=sci_arttext. Acesso em: 23 maio 2021.

SILVA, Monara Santos; ZOBOLI, Fábio; LISBOA, Marcos Adoni. O corpo cartesiano e o corpo da complexidade: tensões e diálogos sobre a educação escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v.18, n. 190, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd190/o-corpo-cartesiano-e-o-corpo-da-complexidade.htm>. Acesso em: 23 maio 2021.

SOUSA, Luis Fernando de Carvalho. A arte como produção subjetiva por um olhar esquizoanalítico. **Revista páginas de filosofia**, v. 9, n.2, p. 165-179, jul./ dez. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/10784>. Acesso em: 23 maio 2021.

SPINOZA. A origem e a natureza dos afetos. In: SPINOZA. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 95-152

TEIXEIRA, Glícia Édeni de Lima; FREITAS, Ramiro Ferreira de. ENTRE FOUCAULT E MBEMBE: da biopolítica à necropolítica no século XXI. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 1, p. 84-94, 2021. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revdistas/index.php/cadcajuina/article/view/451>. Acesso em: 23 maio 2021.